

Wilson Brandão Toffano

A campinense chega aos trinta anos

Foi sob o impulso e pela tenacidade na ação de um grupo de visionários — em salas emprestadas — que a Academia Campinense de Letras surgiu. É até fácil pensar em obras grandiosas. Realizá-las, eis a questão. Idéias estáticas, muitos as têm. Dinamizá-las é o problema. Erigir um monumento público à cultura campineira, era o que se projetara e se queria erguer. Os abúlicos, os amorfos, os apáticos, não entendem ou se pasmam de que haja seres humanos capazes de acionar idéias, dando vida aos ideais. Para traçar, e mais do que isso, dar vida a uma Academia de Letras, fazendo-a presente, notada, numa cidade cercada de tradições culturais como Campinas, seria indispensável, como o foi, um ideal coletivo, onde vontades somadas permitiriam transpor barreiras de todos os maticizes e procedências. Seria necessário um grupo de criaturas capazes de perceber a beleza de uma obra que se quer implantar, embevecendo-se no entusiasmo, com a mesma vibração de quem divisa cores e perfumes numa flor que acabou de ser criada.

Para criar uma Academia de Letras, em Campinas, que estivesse à altura do passado da cidade, requeria esforço e discernimento persistentes. Quantas reuniões preparatórias antes do 17 de maio de 1956! Começaram no antigo e saudoso Teatro Municipal, onde foram dados os primeiros passos reais para estabelecer os critérios de escolha dos membros iniciadores, e da eleição de outros para completar o número. Desde 1956, os percalços foram muitos. Desistências e demissões ocorreram, quando eram possíveis, mas, pedra a pedra foi sendo lançado o edifício. Havia imperfeições? Onde não as há? Os motivos básicos para a existência de uma Academia eram sólidos, o suficiente para resistir aos solavancos que tentavam obstruir-lhe a caminhada. E venceu. Foi promovendo palestras, cursos de literatura e história, vivendo e observando a vida cultural de Campinas.

O Centro de Ciências, Letras e Artes e o Jôquei Clube Campineiro, abriram suas portas para reuniões. Grande foi o trabalho para sua consolidação. Francisco Ribeiro Sampaio, que pelo peso de seus títulos, pelo rumo pre-

cioso de suas diretrizes educacionais, por suas atividades inarredáveis no servir à língua portuguesa, conservando as belas expressões que se engastavam no idioma pátrio como pérolas de uma linguagem musical, pelo seu dinamismo, foi colocado à frente da Academia Campinense de Letras, como primeiro ocupante da presidência. Era Secretário Municipal da Educação, e sua obstinação e fidelidade à idéia, foram decisivas. Quanta luta até conseguir o primeiro teto próprio. Na casa do Comendador Theodoro de Sousa Campos Junior e nas duas pequenas salas da Francisco Glicério, os problemas da entidade, os trabalhos culturais memoráveis, a diversidade de temas, tudo contribuiu para que a Academia se plantasse, crescesse, florescendo e frutificando. Para sermos justos, teríamos que desfiar um grande número de nomes. Mas, e o perigo da omissão? Ficaremos em dois apenas, porque não podemos deixar de nominar Licurgo de Castro Santos Filho, porque este desenvolveu uma atividade decisiva para reforçar a posição da Academia.

Bloco a bloco, passo a passo, palavra a palavra, esclarecendo e justificando, conseguiu junto aos poderes públicos, Secretário Municipal que também o foi, que a Academia Campinense de Letras fosse, além de reconhecida como cooperadora do progresso, de alguma forma amparada e estimulada, não em nome de favores, mas por mercê do reconhecimento do seu papel entre os valores de Campinas.

Precisamos cultivar a admiração, evitando porém que a inveja a cubra. Quem não reconhece no Professor Sampaio, um guardião admirável da nossa língua e emérito educador? De Licurgo de Castro Santos Filho, tão firme quanto o seu antecessor, bastaria dizer que como consequência de suas obras e seu valor, é o atual Presidente da Academia Paulista de Letras. Ambos são Presidentes Honorários da nossa Academia.

Ainda voltaremos a falar da augusta casa. Nos 30 anos que comemora, desejando que ela seja cultivadora de iniciativas em prol da cultura, repetiríamos as palavras de Keats, o maviioso poeta: "um objeto de beleza constitui uma alegria eterna".